

Comentário TEAR: teologia, exegese, arqueologia e reflexão

Produzido por Julio Cesar Ribeiroⁱ

Lição da Escola Sabatina

O Dom de Profecia | 4º Trimestre de 2026

Lição 3 | Profetas do Antigo Testamento

10 a 16 de outubro de 2026

Verso para memorizar: 2 Crônicas 20:20

Leituras da semana: Tg 5:17, 18; 1Rs 19:1-16; 22:1-14; Êx 15:20; 2Rs 22:11-14; Jr 14:1-15

Sábado à tarde | Crer em Deus e ouvir Seus profetas

O verso para memorizar desta semana merece um olhar mais atento. Diante de uma grave ameaça militar, Josafá diz ao povo: “Creiam no Senhor, seu Deus, e vocês estarão seguros; creiam nos Seus profetas e vocês serão bem-sucedidos” (2Cr 20:20). No hebraico há um jogo de palavras que nossas traduções dificilmente conseguem reproduzir. “Creiam” é *ha’aminu* e “estarão seguros/estabelecidos” é *te’amenu*. As duas palavras vêm da mesma raiz, *’aman*, ligada à ideia de firmeza, confiabilidade, da qual também vem nossa palavra “amém”. A frase poderia transmitir algo próximo de: “Confiem no Senhor e vocês encontrarão firmeza.” A ligação entre fé e estabilidade está embutida na própria construção da frase.

Isso ajuda a entender a segunda parte: “creiam em Seus profetas”. Josafá não está defendendo credulidade religiosa, como se qualquer pessoa que reivindicasse falar em nome de Deus devesse ser aceita sem avaliação. O próprio Antigo Testamento apresentará falsos profetas e critérios para discerni-los. No contexto de 2 Crônicas 20, o profeta Jaaziel havia transmitido uma palavra específica de Deus para aquela crise (2Cr 20:14-17). Confiar na palavra profética verdadeira era, naquele momento, uma expressão concreta da confiança no Deus que a havia enviado.

Essa ordem é importante para todo o trimestre. A fé não repousa no profeta como personalidade religiosa, mas em Deus, que escolheu comunicar-Se por meio dele. Quando o mensageiro ocupa o centro, alguma coisa saiu do lugar. A autoridade do profeta bíblico é derivada: ele tem autoridade porque transmite a Palavra de Outro.

A Lição 3 amplia exatamente essa perspectiva. Nesta semana não estudamos apenas aquilo que os profetas diziam, mas quem eram, como viviam, que funções desempenhavam e

como o povo poderia distinguir o verdadeiro do falso. E talvez a primeira descoberta seja esta: os profetas eram muito mais humanos do que algumas representações religiosas costumam sugerir. A inspiração não os transformava em uma espécie diferente de gente.

Domingo | A humanidade dos profetas

Tiago escolhe Elias para ensinar algo surpreendentemente simples: “Elias era homem semelhante a nós” (Tg 5:17). A expressão grega é *homoioopathēs*, formada pela ideia de “semelhante” e “experiência, sentimento ou condição”. O termo aparece apenas duas vezes no Novo Testamento: aqui e em Atos 14:15, quando Paulo e Barnabé impedem que a multidão os trate como deuses e dizem ser seres humanos “como vocês”. Tiago não diminui Elias. Faz justamente o contrário: mostra que a eficácia de sua oração não dependia de ele pertencer a uma categoria sobre-humana.

Isso muda nossa leitura de 1 Reis 19. Um capítulo antes, Elias enfrenta centenas de profetas no Carmelo, ora e vê fogo descer do céu. Pouco depois, a ameaça de Jezabel o faz fugir, e debaixo de uma árvore ele chega a pedir a morte. Não precisamos fazer um diagnóstico clínico retrospectivo e afirmar exatamente qual era a condição psicológica do profeta. O texto não nos dá elementos para isso. Mas podemos afirmar o que o relato deixa claro: Elias está esgotado, amedrontado, isolado e convencido de que seu ministério não produziu o resultado que esperava.

É muito interessante observar como Deus o trata. Antes de uma grande explicação teológica, Elias dorme, come, bebe e volta a dormir. Deus não o repreende imediatamente por estar cansado. Há um cuidado integral com aquele homem. Só depois o profeta caminha quarenta dias e quarenta noites até Horebe, o monte de Deus (1Rs 19:8), local que nos remete à experiência de Moisés e à aliança. O profeta em crise é levado, por assim dizer, de volta ao lugar das origens.

Então vem uma das expressões mais bonitas e mais difíceis do capítulo. Depois do vento, do terremoto e do fogo, surge *qol demamah daqqah*. A tradução tradicional “voz mansa e delicada” é possível, mas a expressão também tem sido traduzida como “suave sussurro”, “som de suave silêncio” e até “som de absoluto silêncio”. A dificuldade de traduzir é real. O ponto da narrativa, entretanto, não é ensinar que Deus nunca Se manifesta em acontecimentos espetaculares, afinal, um capítulo antes Ele havia respondido com fogo. A lição é que Deus não está preso ao espetacular. O profeta que acabara de experimentar Deus no fogo precisava aprender a reconhecê-Lo também de outra maneira.

Depois dessa experiência, Deus pergunta novamente: “O que você está fazendo aqui, Elias?” E a resposta do profeta continua praticamente igual. Isso também é humano. Um encontro com Deus nem sempre reorganiza instantaneamente todas as nossas emoções. Contudo, o Senhor recoloca Elias em movimento, dá-lhe novas tarefas e, sobretudo, corrige sua percepção de que estava absolutamente sozinho: ainda havia sete mil que não tinham se dobrado diante de Baal.

Aqui está uma das contribuições mais importantes do domingo: inspiração não elimina humanidade. O mesmo Elias que ora e o céu responde também sente medo, cansaço e solidão. A autoridade de sua mensagem nunca dependeu de uma personalidade emocionalmente invulnerável, mas do Deus que o chamou.

Segunda-feira | Identificando os verdadeiros profetas

O episódio de Micaías, filho de Inlá, é um dos textos mais fortes da Bíblia sobre independência profética. Acabe deseja recuperar Ramote-Gileade e consulta cerca de quatrocentos profetas. Todos anunciam sucesso. Josafá, entretanto, sente que alguma coisa não está bem e pergunta se existe ainda “algum profeta do Senhor” a quem possam consultar. Acabe responde com uma sinceridade quase constrangedora: existe Micaías, “mas eu o odeio, porque nunca profetiza o bem a meu respeito, mas somente o mal” (1Rs 22:8).

O problema de Acabe está resumido nessa frase. Ele não procura saber se a mensagem é verdadeira; procura saber se é agradável. O profeta é avaliado não pela fidelidade a Deus, mas pela compatibilidade de sua mensagem com aquilo que o rei deseja ouvir.

Quando vão buscar Micaías, o mensageiro lhe dá um conselho muito revelador: todos os outros profetas estão falando “a uma só voz” em favor do rei; portanto, seria melhor que ele dissesse a mesma coisa. O hebraico utiliza a expressão *peh 'echad*, literalmente “uma boca”. Quatrocentos homens, uma boca. A unanimidade parece impressionante, mas quantidade nunca foi teste definitivo de verdade.

Micaías responde com uma das melhores definições práticas do ministério profético: “Tão certo como vive o Senhor, o que o Senhor me disser, isso falarei” (1Rs 22:14). O profeta verdadeiro não é aquele que nunca sente pressão. É aquele que não permite que a pressão determine a mensagem.

Uma observação de precisão é importante aqui. Os quatrocentos profetas de 1 Reis 22 não são identificados pelo próprio texto como os quatrocentos profetas de Aserá mencionados em 1 Reis 18:19. Em 1 Reis 22, eles aparecem como profetas da corte de Acabe e falam

utilizando linguagem religiosa associada ao Senhor; Zedequias chega a introduzir seu pronunciamento com a fórmula “Assim diz o Senhor” (v. 11). Isso torna o episódio ainda mais sério: o falso não aparece necessariamente anunciando outra religião. Pode reivindicar o nome do verdadeiro Deus e ainda assim falar falsamente.

A história de Samuel acrescenta outra expressão importante. Em 1 Samuel 9:9, o narrador explica que aquele que em seu tempo era chamado de *navi*, “profeta”, anteriormente era chamado de *ro’eh*, “vidente”. *Ro’eh* vem do verbo “ver”. O profeta é alguém a quem Deus permite perceber aquilo que outros não estão percebendo, não necessariamente porque possua uma espécie de clarividência natural, mas porque recebeu revelação. O texto preserva inclusive uma mudança de terminologia na própria história de Israel.

Samuel, porém, é conhecido não apenas porque “vê”, mas porque seu caráter inspira confiança. Seu servo diz: “Há nesta cidade um homem de Deus muito respeitado; tudo o que ele diz acontece” (1Sm 9:6). Vida e mensagem caminham juntas. Isso não significa que perfeição moral seja requisito para a inspiração, a própria lição mostrará o contrário, mas significa que reivindicação profética e caráter não podem ser completamente divorciados.

Talvez a grande advertência de segunda-feira seja esta: o falso profeta tende a dizer aquilo que o poder quer ouvir; o verdadeiro profeta precisa dizer aquilo que Deus quer que seja ouvido.

Terça-feira | As funções dos profetas

Quando Israel pede um rei “como todas as outras nações” (1Sm 8:5), o problema não está simplesmente na existência de uma monarquia. Deuteronômio 17 já havia previsto a possibilidade de Israel ter um rei. O problema aparece na motivação: o povo quer reproduzir o modelo político das nações ao redor e deposita sua segurança na estrutura que elas possuem.

Samuel então descreve aquilo que o rei fará. Vale ler 1 Samuel 8:11-17 observando um verbo que aparece repetidamente: tomar. O rei tomará os filhos, tomará as filhas, tomará os melhores campos, tomará servos, animais e parte da produção. O povo havia dito: “Dá-nos um rei”; Samuel responde mostrando o que esse rei “tomará”. No final, a advertência chega ao ponto máximo: “você mesmos se tornarão seus servos” (v. 17).

A palavra hebraica *mishpat*, usada para aquilo que muitas traduções chamam de “direito”, “modo” ou “procedimento” do rei, pode carregar a ideia da prática ou prerrogativa que esse tipo de monarca reivindicaria. Samuel não está entregando ao rei licença divina para

explorar o povo; está advertindo Israel sobre as consequências do modelo de poder que desejava.

É exatamente nesse ambiente que a função profética se torna fundamental. O rei de Israel nunca poderia considerar-se autoridade absoluta. Acima dele estava a aliança e a Palavra de Deus. Por isso Natã pode confrontar Davi, Elias pode enfrentar Acabe, Isaías pode falar com Acaz e Jeremias pode denunciar reis de Judá. Em muitos reinos do antigo Oriente Próximo, religião e monarquia podiam trabalhar juntas para legitimar o poder do soberano. Em Israel, pelo menos no ideal bíblico, o profeta frequentemente fazia o movimento contrário: lembrava ao rei que ele também estava debaixo da Palavra.

Essa função fica ainda mais clara quando percebemos que os profetas não falavam somente com reis. Eles confrontavam sacerdotes, ensinavam o povo, advertiam nações, intercediam e, em determinados casos, registravam suas mensagens por escrito. Não existe, portanto, uma descrição estreita do ofício profético. Em alguns momentos o profeta anuncia o futuro; em muitos outros, interpreta o presente à luz da aliança.

Uma boa maneira de compreender isso é pensar nos profetas como sentinelas da aliança. A linguagem jurídica de vários livros proféticos chega a assumir a forma de uma espécie de processo de aliança: Deus apresenta Sua causa contra um povo que violou os compromissos assumidos. Miqueias 6:1-5 é um ótimo exemplo. O próprio Biblical Research Institute chama atenção para esse papel dos profetas como aqueles que apresentam a acusação da aliança, não porque Deus tenha prazer em condenar, mas porque deseja levar Seu povo ao arrependimento e à restauração.

Isso explica por que os profetas frequentemente incomodavam. Eles não pertenciam ao sistema para confirmar tudo aquilo que o sistema fazia. Reis, sacerdotes e povo podiam ser chamados à prestação de contas pela mesma Palavra.

É uma ideia bastante atual. Quando a voz religiosa perde a capacidade de confrontar o poder, corre o risco de deixar de ser profética e passar a ser apenas decorativa.

Quarta-feira | Mulheres profetisas

A presença de mulheres no ministério profético do Antigo Testamento não é uma inferência moderna colocada sobre o texto. A terminologia é explícita. Êxodo 15:20 chama Miriam de *nevi'ah*, a forma feminina de *navi'*, “profeta”. Juízes 4:4 apresenta Débora da mesma maneira. Segunda Reis 22:14 chama Hulda de profetisa. O Antigo Testamento, portanto,

reconhece diretamente que o dom profético também foi concedido a mulheres. A própria LES ressalta essa evidência.

Miriam merece atenção especial. Frequentemente nos lembramos dela apenas por causa do episódio negativo de Números 12, mas Miqueias 6:4 apresenta uma perspectiva muito mais ampla: “Eu enviei adiante de vocês Moisés, Arão e Miriam”. Ela aparece junto aos dois grandes líderes do êxodo como alguém enviada por Deus em benefício do povo. O texto mostra que sua atuação não pode ser reduzida ao momento em que liderou as mulheres no cântico do mar.

Débora reúne duas funções de enorme importância: é profetisa e também julga Israel (Jz 4:4, 5). Baraque recebe por intermédio dela a ordem divina para reunir as tropas, e o relato não demonstra nenhum constrangimento com o fato de essa palavra chegar por meio de uma mulher. O texto simplesmente a apresenta exercendo a função que Deus lhe deu.

Hulda talvez seja ainda mais impressionante. Durante a reforma do rei Josias, um “Livro da Lei” é encontrado no templo. Ao ouvir seu conteúdo, o rei rasga as vestes e envia alguns dos homens mais importantes do reino para consultar o Senhor. Eles vão até Hulda. O texto não sente necessidade de explicar ou justificar por que uma mulher é procurada para autenticar a gravidade daquela mensagem. Sua autoridade profética é simplesmente pressuposta.

Grande parte da pesquisa bíblica identifica o livro encontrado nos dias de Josias com Deuteronômio ou alguma forma antiga dele, sobretudo porque as reformas de 2 Reis 23 apresentam fortes afinidades com as exigências de Deuteronômio. É uma identificação antiga e muito difundida na pesquisa, embora o texto de Reis não diga simplesmente: “Encontraram o livro de Deuteronômio”. É melhor, portanto, falar em uma identificação provável do que tratá-la como informação expressamente declarada pela narrativa.

Também precisamos ser precisos sobre a mensagem de Hulda. Ela não anuncia que a reforma de Josias cancelaria definitivamente o juízo sobre Judá. Pelo contrário, confirma que o juízo viria por causa da infidelidade da nação, mas declara que, por causa da humildade de Josias, ele não presenciaria aquela calamidade (2Rs 22:15-20). O capítulo seguinte reforça isso: mesmo depois das extraordinárias reformas do rei, o texto afirma que a ira contra Judá não havia sido completamente afastada por causa de sua longa história de apostasia (2Rs 23:26, 27).

Isso torna a atuação de Hulda ainda mais relevante. Profecia não é dizer ao governante aquilo que fará seu projeto parecer bem-sucedido. Ela legitima a Palavra encontrada, reconhece a sinceridade do rei e, ao mesmo tempo, não suaviza as consequências históricas do pecado.

Miriam, Débora e Hulda são mulheres diferentes, vivendo em períodos diferentes e exercendo a missão de maneiras diferentes. O ponto comum não é o gênero, a posição social ou um modelo único de liderança. É o chamado de Deus.

Quinta-feira | Falsos profetas

Jeremias 14 nos coloca diante de uma das formas mais perigosas de falsa profecia: a mensagem religiosa que diz exatamente aquilo que as pessoas gostariam que fosse verdade.

Judá enfrenta uma crise terrível. A seca assola a terra, e Jeremias anuncia que espada, fome e outras consequências viriam sobre uma nação persistente em sua rebelião. Em contraste, outros profetas asseguram: “Vocês não verão espada nem terão fome; eu lhes darei verdadeira paz neste lugar” (Jr 14:13).

A resposta de Deus é contundente: “Eu não os enviei, não lhes dei ordem, nem falei com eles” (v. 14). Observe a força dessa sequência. Não enviei. Não ordenei. Não falei. O problema fundamental da falsa profecia está em sua origem. Eles reivindicam como divina uma mensagem que não veio de Deus.

O hebraico do restante do verso acumula expressões igualmente fortes: *hazon sheqer*, “visão falsa”; *qesem*, “divinação”; algo sem valor; e o engano de seu próprio coração. A falsa profecia pode nascer de práticas religiosas estranhas à revelação de Deus, mas também pode nascer simplesmente do interior do próprio mensageiro, quando ele transforma seu desejo, sua imaginação ou sua opinião em “palavra do Senhor”.

Isso merece ser ouvido com muita atenção hoje. A Bíblia não nos permite identificar profecia verdadeira apenas porque alguém fala com convicção, usa vocabulário espiritual ou afirma: “Deus me mostrou”. Em Jeremias 14, o problema justamente é que os falsos profetas falam em nome de Deus.

Voltemos por um momento a 1 Reis 22. Os quatrocentos profetas da corte de Acabe falam aquilo que o rei deseja ouvir. Micaías recebe inclusive a recomendação para adaptar sua mensagem ao consenso. O episódio mostra como a pressão social pode contaminar a voz religiosa. Às vezes a tentação do falso profeta não é inventar uma religião completamente diferente; é adaptar a mensagem até que ela deixe de contrariar quem tem poder.

Isso também nos impede de usar um critério simplista: “a mensagem positiva vem de Deus” ou “a mensagem dura vem de Deus”. Profetas verdadeiros anunciaram juízo e também esperança. Profetas falsos podiam anunciar paz. O problema não era o tom da mensagem, mas sua origem e sua fidelidade à revelação divina.

Mais adiante neste trimestre estudaremos os testes do profeta com maior profundidade. Por enquanto, Jeremias nos deixa uma advertência suficiente: nem toda voz que fala sobre Deus fala da parte de Deus.

E talvez uma das formas mais sutis de falsa profecia seja aquela que pega aquilo que nós já queremos ouvir e apenas acrescenta: “Assim diz o Senhor”.

Sexta-feira | Não perfeitos, mas dispostos

A sexta-feira retorna a uma ideia que atravessou toda a semana: Deus usa pessoas reais. Ellen G. Harmon tinha apenas 17 anos quando recebeu seu chamado, possuía saúde frágil, pouca escolaridade formal e enorme insegurança diante da responsabilidade de viajar e transmitir aquilo que havia recebido. Seu próprio relato mostra uma jovem que gostaria que aquela responsabilidade fosse colocada sobre outra pessoa. A relutância não é invenção de uma biografia posterior; aparece em seus relatos mais antigos e é preservada pelo próprio White Estate.

Esse aspecto aproxima sua experiência de um padrão que encontramos repetidamente nas Escrituras. Moisés apresenta objeções. Jeremias se considera jovem. Jonas foge. Elias chega ao esgotamento. O chamado profético não transforma automaticamente o mensageiro numa personalidade destemida, emocionalmente inabalável ou intelectualmente onisciente.

Precisamos dar mais um passo. Profeta inspirado não significa ser humano infalível em tudo o que pensa, percebe ou faz. A própria Bíblia nos impede de construir esse modelo. Samuel olha para Eliabe e pensa inicialmente que ele deve ser o escolhido de Deus, até que o Senhor corrige sua impressão (1Sm 16:6, 7). Natã ouve o plano de Davi para construir o templo e, num primeiro momento, diz: “Faça tudo o que está em seu coração”; naquela mesma noite, Deus lhe entrega uma mensagem diferente (2Sm 7:3-5). O fato de serem profetas não transforma toda opinião pessoal em revelação.

Essa distinção será importantíssima quando o trimestre chegar aos temas de inspiração e autoridade. O dom profético não apaga a humanidade do mensageiro. Deus comunica Sua mensagem por meio de uma pessoa real, com personalidade, vocabulário, história, limitações e necessidade permanente de graça.

Ellen White foi bastante explícita nesse ponto a respeito de si mesma. Ela afirmou que nunca reivindicou infalibilidade e que somente Deus é infalível. O White Estate, ao tratar diretamente da questão do “mensageiro imperfeito”, reconhece suas limitações pessoais e insiste que a confiança no dom profético não deve ser construída sobre a ideia de uma vida sem qualquer falha.

Isso não diminui a inspiração; ajuda-nos a compreendê-la biblicamente. Deus não precisava transformar Isaías, Jeremias ou Ellen White em máquinas de receber e reproduzir

frases para poder utilizá-los. Mais adiante, ao falar de inspiração, veremos que a própria Ellen White descreveu os escritores bíblicos como pessoas inspiradas pelo Espírito, cuja mensagem traz também a marca de sua individualidade.

A produção literária de Ellen White chegaria a aproximadamente 100 mil páginas entre livros, artigos, cartas, manuscritos e outros materiais (dado documentado pelo White Estate). Mas quantidade nunca foi a razão central para reconhecer um ministério profético. O que esta semana nos ensinou a perguntar é outra coisa: de onde vem a mensagem, como ela se relaciona com a revelação de Deus e o que ela produz na vida do povo?

Talvez aqui esteja a melhor maneira de terminar a Lição 3. Elias estava cansado. Micaías estava sozinho diante da maioria. Samuel não possuía percepção perfeita de tudo. Miriam também pecou. E a jovem Ellen G. Harmon teve medo de aceitar seu chamado.

Nenhuma dessas coisas torna a missão irrelevante. Ao contrário, elas deixam mais evidente onde está a fonte do dom. A força da profecia nunca esteve na perfeição do profeta, mas na fidelidade do Deus que escolhe falar por meio de seres humanos imperfeitos.

Para levar à classe

A Lição 3 quebra duas ideias erradas ao mesmo tempo. A primeira é imaginar o profeta como alguém quase sobre-humano, imune a medo, cansaço, dúvida ou falhas pessoais. A segunda é imaginar que, por ser humano, sua mensagem não pode carregar autoridade divina. A Bíblia não aceita nenhuma dessas alternativas.

Os profetas são humanos, verdadeiramente humanos. Mas quando Deus os chama e lhes entrega uma mensagem, essa humanidade não impede que Ele Se comunique.

Por isso, talvez 2 Crônicas 20:20 seja ainda mais profundo do que parece. A segurança do povo não estava numa confiança cega em personalidades religiosas. Estava em confiar no Senhor e, exatamente por confiar Nele, levar a sério os mensageiros que Ele verdadeiramente havia enviado.

E aí voltamos ao problema que acompanha toda a semana: como saber quem Ele enviou?

Micaías nos dá uma pista: o verdadeiro profeta não pergunta qual mensagem terá mais aplausos. Jeremias acrescenta outra: não basta dizer “Deus falou”. Hulda mostra que o profeta não altera sua mensagem para agradar nem mesmo um rei piedoso. Elias nos lembra que fragilidade humana não cancela o chamado.

No fim, o profeta continua sendo apenas o mensageiro. A voz é humana. A mensagem, quando o chamado é verdadeiro, vem de Deus.

Fontes de apoio utilizadas

Adult Bible Study Guide, 4º trimestre de 2026, Lição 3 - “Old Testament Prophets”, para a estrutura e os textos estudados em cada dia.

Ellen G. White Estate - Lesson 3: Old Testament Prophets, material oficial complementar, incluindo referências a Jirí Moskala, Alberto Timm e *Mensagens Escolhidas*, v. 3.

NET Bible, notas de 2 Crônicas 20:20, para o jogo de palavras hebraico entre *ha'aminu* (“creiam/confiem”) e *te'amenu* (“sejam estabelecidos”), ambos derivados de *'aman*.

STEP Bible, texto grego de Tiago 5:17, para *homoioopathēs*, “de natureza/experiência semelhante”.

James A. Diamond, “Discerning False Prophecy: The Story of Ahab and the Lying Spirit”, para aspectos literários de 1 Reis 22 e o conflito entre Micaías e os profetas da corte.

Biblical Research Institute, estudos sobre profecia e aliança no Antigo Testamento, especialmente a função profética no chamado de Israel à fidelidade à aliança.

Ellen G. White Estate, “An Imperfect Messenger” e documentação sobre sua produção literária, para a distinção entre inspiração e perfeição pessoal e para os dados históricos sobre seus escritos.

ⁱ Julio Cesar Ribeiro é pastor, teólogo e professor. Doutorando em Teologia Bíblica pela Universidad Adventista del Plata (Argentina), é mestre em Teologia Cristã pela PUC-SP, mestre em Teologia Bíblica pelo Seminário Adventista Latino-americano de Teologia - SALT (*intra corpus*), especialista em Teologia Bíblica e bacharel em Teologia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo - UNASP. Atuou como secretário executivo e assistente técnico-administrativo do Centro de Pesquisas Ellen G. White, no UNASP Engenheiro Coelho (2018-2022), foi assistente de direção na Faculdade de Teologia (2022-2023) e professor universitário em diversas graduações na mesma instituição (2022). Atualmente, é pastor escolar no Colégio Adventista de Jundiá. No Brasil, é associado à Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Teologia e Ciências da Religião (Anptecre), à Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (Soter) e à Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica (Abib), tendo integrado a diretoria desta última no biênio 2023-2024. Internacionalmente, é membro da *ATS - Adventist Theological Society*, da *ETS - Evangelical Theological Society* e da *SBL - Society of Biblical Literature*. Desenvolve pesquisas em línguas bíblicas, Antigo e Novo Testamento, com especial interesse no Pentateuco e na literatura joanina. Mais informações sobre o autor em: julioribeiro.com/biografia
E-mail: julio.ribeiro@adventistas.org